

## Anexo 4: Diário de Bordo da 1ª sessão

<b>Data da sessão</b>	20 de março de 2018/1ª sessão (ver powerpoint da sessão)
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise do inquérito inicial;</li> <li>- Partilha de dados recolhidos através do inquérito inicial;</li> <li>- Consciencialização das necessidades do grupo de educadoras face à avaliação na Intervenção Precoce;</li> </ul>
<b>Descrição da sessão</b>	<p>Nesta sessão foi apresentado um powerpoint ao grupo de educadoras com os resultados (em forma de gráficos e tabelas) dos inquéritos passados inicialmente. Expliquei que o objetivo da sessão seria que se percebesse o olhar de cada educadora dentro do grupo e as conceções, não existindo respostas certas nem erradas, apenas partilha de opiniões.</p> <p>Solicitei que analisassem os gráficos e partilhassem sentimentos, expectativas e opiniões de modo a construir um caminho comum.</p> <p>Ao longo da sessão foram lançadas tarefas com o objetivo de se perceber o que seria mais importante para cada educadora, dando origem à troca de opiniões e perspetivas.</p> <p>Todas as intervenientes participaram e no final demonstraram satisfação pelo percurso iniciado, chegando à conclusão que será necessário pensar sobre o processo de avaliação das crianças com NEE.</p> <p>Deixaram-se três itens que darão mote para a sessão seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Como detetar? Com quem? Quando? Como?”</li> <li>- Como intervir? Com quem? Quando? Como?”</li> <li>- Como avaliar? Com quem? Quando? Como?”</li> </ul>
<b>Notas de campo</b>	<p>Durante a sessão todas as educadoras se mostraram disponíveis para refletir e procurar soluções.</p> <p>As educadoras utilizaram papéis coloridos para tomarem notas. A cada educadora foi atribuída uma letra e uma cor de papel. (I=Amarelo; D= Azul; L=Laranja; B=Rosa; C=Verde; S= Vermelho). O “S” refere-se a mim mesma, tendo nesta sessão assumido um papel de mediadora.</p> <p>As educadoras entraram descontraídas e a falar do dia de trabalho.</p> <p>Eu sentia-me nervosa, apesar de estar ali com pessoas que gosto muito e que partilham o dia comigo em termos profissionais e pessoais. Estranha sensação...</p> <p>Antes de iniciar a sessão tiveram de ir entrando e saindo para resolver assuntos de última hora (telefonemas, recados,...). Quando começou a gravação demonstraram-se inicialmente mais sossegadas e calmas</p>

do que o normal. Após a introdução dada por mim começaram aos poucos a falar e cada uma expôs a sua opinião. Nesta sessão abordaram-se todas as questões referentes à avaliação de crianças com NEE. Seguiu-se a ordem do powerpoint.

Quando confrontadas com a questão sobre o que mais preocupa na avaliação de crianças com NEE, referiram os seguintes aspetos:

-“os recursos humanos e a falta de conhecimento; avaliação diagnóstica mais ampla, grelha que contempla os objetivos do PIIP, trabalho de colaboração com as equipas externas; necessidade de adequações nas atividades e nas avaliações(I);

-“necessidade da adaptação da avaliação...integrar objetivos e metas (C)“

-“a intervenção com a restante equipa e a família; a minha pouca experiência; a avaliação diagnóstico: sinais evidenciados relativamente às diferentes NEE (D).

- “quais os parâmetros da avaliação de acordo com as necessidades da criança; as adequações de atividades na planificação de acordo com o que é previsto (L)

-“O que é e como é...(B)“.

À medida que foram respondendo foram completando a informação da educadora anterior como que a corroborarem com tudo o que estava a ser dito.

Foram referidas dificuldades de adequar a avaliação, fazendo referência ao modelo de avaliação que se encontra implementado.

“-No documento atual...pode a criança sair sempre “em desenvolvimento/ A competência está lá, falta o grau de exigência (C)“;

-“É preciso focar mais as progressões (I)“;

Quando questionadas com os sinais de alerta mais preocupantes. A “I” referiu sentir-se surpresa por 100% ter considerado muito importante o “não realizar qualquer atividade autonomamente”, em detrimento de outros descritores. A “C” referiu que “na nossa instituição a chave é a autonomia”. A “L” explicou que a autonomia pode ter várias interpretações.

Na dinâmica de grupo foi colocada a questão: “o que mais a preocupa quando observa uma criança: - No primeiro contacto; -Ao fim de uma semana ; -Ao fim de um mês.

No primeiro contacto referiram:

I – Não interage;

B, C e D– Nunca fixa o olhar em nada nem em ninguém

L – Não segue orientações

Ao fim de uma semana:  
I – Nunca fixa o olhar em nada nem em ninguém;  
B, C e D – A criança não interage  
L – Não realiza qualquer atividade da rotina autonomamente  
Ao fim de um mês:  
I, C, D, L – Não é capaz de ajustar o comportamento aos diversos ambientes/intervenientes;  
B – Não realiza qualquer atividade da rotina autonomamente  
Após partilharem mostraram-se satisfeitas por apesar de não estarem na mesma ordem todas referirem praticamente os mesmos descritores.

Quando questionadas sobre as mais valias da equipa, (visto 5 das 6 educadoras, referirem no inquérito que quando detetam algum problema o que fazem em primeiro lugar é partilhar com a equipa), as educadoras começaram a falar todas ao mesmo tempo e a defender a ideia como não podendo ser de outra forma: “É mais fácil pessoas do contexto”; “É necessário um certo distanciamento”; “partilha de experiência”. A “I” referiu que procura as educadoras mediante a situação: “se quiser “desdramatizar” procuro uma, se...” (risos). Apresentaram a partilha com a equipa como uma forma de atuar correta e que não é para questionar.

“E os pais? Qual é o papel dos pais? É importante?” Face a isto referiram que os pais “podem ter um contributo”; “têm sinais de alerta, se isso os preocupa”; “têm outro ponto de vista”, “têm contributo histórico, conhecem as rotinas”; “têm a bagagem anterior, a ficha de anamnese”, “é importante perceberem, serem parceiros”.

Na questão da primeira avaliação em contexto escolar da criança com NEE. As educadoras ficaram mais tensas. Senti que as opiniões se complementavam, mas que estavam todas a pensar em situações diferentes. Foi o momento em que senti que não estava tão definido como gostariam.

A “C” defendeu que devia ser o educador e depois o serviço externo de psicologia (procedimento que às vezes ocorre neste contexto). A “I” referiu que a avaliação devia ser com o serviço de psicologia (do colégio) e a educadora e disse que não faz sentido não termos integrado o serviço de psicologia e de educação especial. A “B” disse que “adorava que acontecesse... Nós estamos em sala e então?...era preciso uma pessoa mais especializada para trabalhar em conjunto connosco”. A “C” voltou a dizer que deve ser o educador, após um “momento de observação”

e depois “partilha com a ELI, pais... os parâmetros de avaliação,(...) .

Em modo síntese, refletiram todas juntas e decidiram que a avaliação devia ser feita por: educador, seguidamente a equipa, depois “o olhar” do professor de ensino especial, os pais e depois um serviço de psicologia externo (caso assim se justifique). Apesar de se ter escrito estes itens...a “I” não me pareceu totalmente de acordo, demonstrou uma postura desconfortável, descendo na cadeira e abanando a cabeça ligeiramente. A “D” não se pronunciou.

Quando se falou da responsabilidade de cada um dos intervenientes relativamente à avaliação da criança, todas concordaram que o educador é o maior responsável. Mostraram postura descontraída e de afirmação, abandonando as cabeças, como se não pudesse ser de outra forma.

A “I” referiu a importância do “eco da família, o estilo parental, as evidências...podem justificar hábitos, rituais...”. A “B” voltou a referir que é importante ter os pais como parceiros. A “C” disse que não podemos encarar a avaliação só no momento final (da entrega), que as conversas que se vão tendo com os pais podem dar estratégias que podem melhorar...”. A “I” disse “temos de dar relevo à importância da própria criança”.

Quando se falou do grau de participação de cada interveniente na avaliação da criança com NEE, todas disseram que a equipa de sala (considerando a educadora e a auxiliar) é muito importante, a “B” referiu “estão um dia inteiro com eles” e que “há coisas que eu não consigo ver, por exemplo no recreio...e é a auxiliar”.

A “I” disse que dado o crescimento do projeto “a coordenação e a direção perderam o relevo”. Todas consideram que o educador é o maior participante e demonstraram através de expressões como “é mediador de tudo”, “recebe a informação de todos”.

Quando se questionou quem gostavam que participasse mais ativamente a “I” e a “L” disseram logo que queriam que a criança participasse. (A “L” fez uma investigação de mestrado na área da participação da criança). A “D” referiu a família. A “I” disse que “eu acho que há falta de recursos humanos (...) não promove o ambiente suficiente para integrarmos a criança” A “I” continuou “Eles podem ainda não entender, mas ao longo do tempo conseguem, não temos disponibilidade, tempo.” A “L” disse que “quando está outro professor em sala faço registos do que eles vão dizendo como “outra vez o mesmo jogo...vai dando para tirar ideia do que eles sentem. Continuou” quando penso na assembleia, assumo que eles precisam do tempo para

	<p>brincar e por vezes não a faço. A “B” disse “é uma opção consciente”, “precisamos de mais tempo com a criança”.</p> <p>Quando se falou dos registos, todas disseram que as fotografias são mais imediatas e por isso mais fáceis de utilizar. A “I” referiu que eram necessários “registos de autoavaliação” e a “L” disse que acha que “temos o suficiente, ainda não encontramos é a melhor forma de os otimizar”.</p> <p>Após a leitura individual, do que poderia melhorar no processo de avaliação de uma criança com NEE, questionei relativamente à existência ou não de um problema, a “I” respondeu prontamente que sim, a “C” referiu que já tínhamos chegado a essa conclusão e todas abanaram com a cabeça no sentido afirmativo.</p> <p>Expliquei as questões que deixava levantadas para a sessão seguinte e agradei a todas a participação, fazendo referência à pirâmide de William Glasser e a uma frase que foca a importância de construir juntos. Todas se mostraram disponíveis e também agradeceram. A sessão terminou com palmas, sorrisos e boa disposição ao fim de uma hora e oito minutos.</p> <p><b>A próxima sessão ficou agendada para o dia 16 de abril de 2018.</b></p>
<p><b>Reflexão pós sessão</b></p>	<p>Senti que as educadoras ficaram satisfeitas.</p> <p>Quando o CE abriu e se iniciou a construção do projeto educativo eram prática corrente os momentos de reflexão. Com o passar dos anos e a construção do projeto, as reflexões tornaram-se menos sistemáticos. O facto de voltarmos a refletir acerca de práticas e da teoria que nos move no CE, fez transparecer no grupo uma vontade de união, reflexão e construção.</p> <p>Senti que esta sessão foi utilizada para perceber conceitos, dar opiniões e também refletir acerca do trabalho que temos vindo a desenvolver no PE.</p> <p>Conseguimos despoletar o nosso espírito crítico e perceber o que temos para (re) construir no processo de avaliação.</p> <p>Falamos acerca de mudanças que têm ocorrido ao longo dos anos, positivas e negativas e apelamos à essência do nosso projeto.</p> <p><b>Nota:</b> Em vários momentos que falamos da avaliação, é referido o serviço de psicologia. No início do projeto era apenas este o serviço existente no Colégio. Apenas no ano letivo transato, ingressou neste serviço uma educadora de</p>

	<p>ensino especial e neste ano letivo os dois serviços: de psicologia e de educação especial se dividiram e ingressou mais uma educadora de ensino especial. Esta questão reflete-se ao longo do discurso (especialmente das educadoras que trabalham há mais tempo neste projeto) pois, em alguns momentos referem-se ao serviço de psicologia e não, ao serviço de educação especial e demonstram inclusivamente dúvida face à divisão dos dois serviços</p>
--	--